

GLASS HOUSE DE PHILIP JOHNSON: UMA ANÁLISE DO 4º EIXO ORGANIZACIONAL – ESPAÇO ARTIFICIAL x ESPAÇO NATURAL

HERMANN, Fernanda Raquel Vier.¹

OLIVEIRA, Ana Paula da Silva.²

BRATTI, Bruna Keli Bianchini.³

ANDRADE, Tâmara Milena de.⁴

SIMONI, Tainã Lopes⁵

RESUMO

O seguinte artigo consiste em uma análise a respeito do 4º eixo organizacional – espaço artificial e espaço natural – exposto por Teixeira Coelho Netto no livro “A construção do sentido na arquitetura” sobre a casa projetada por Philip Johnson conhecida como Glass House”. O eixo a ser estudado se refere ao espaço artificial em contraste com o espaço natural e a escolha dessa residência para análise ocorreu devido a dualidade explícita que ocorre entre os espaços citados.

PALAVRAS-CHAVE: 4º eixo organizacional, Espaço artificial, Espaço natural, Glass House, Philip Johnson.

1. INTRODUÇÃO

Ganhador do Prêmio Pritzker de Arquitetura de 1979, Philip Johnson foi caracterizado pelo júri como crítico e historiador, cujo trabalho apresenta um conjunto formado por talento, visão e comprometimento que acabam proporcionando contribuições importantes para o homem e o ambiente construído, e por esse motivo, a análise de sua obra é relevante para o aprendizado.

O presente trabalho irá apresentar os eixos organizadores do sentido no espaço expostos por Coelho Netto (2002) como assunto da pesquisa, delimitando como tema o 4º eixo: espaço artificial x espaço natural, realizando uma análise baseada no mesmo sobre a obra *Glass House*, do arquiteto Philip Johnson.

O tema de refere-se ao 4º dos sete eixos de análise do teórico Teixeira Coelho Netto (2002) na obra “A construção do sentido na arquitetura”, sendo eles 1º espaço interior x exterior, 2º privado x comum, 3º espaço construído x não-construído, 4º espaço natural x artificial, 5º espaço amplo x restrito, 6º espaço vertical x horizontal e 7º espaço geométrico x não geométrico. Segundo o autor, essas características fazem parte da linguagem arquitetônica, e embora oculta nas entrelinhas de um projeto, é importante que sejam analisadas para distinguir os espaços (COELHO NETTO, 2002).

¹Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: fer.hermann@hotmail.com

²Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: oliveira.s.ap@gmail.com

³Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: bruna.bratti@hotmail.com

⁴Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: tamarandrade20@hotmail.com

⁵Professora arquiteta do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: tai_lopes@hotmail.com

Essa “oposição constante” assume uma importância particular na arquitetura. Segundo Coelho Netto (2002), a análise realizada a partir do eixo levando em consideração a dualidade do espaço construído x espaço não construído, porém, devemos lembrar que um espaço que não possui nenhuma edificação pode ser considerado um espaço construído, uma vez que a arquitetura é também constituída pela composição do espaço através da disposição e organização do mesmo. Muitas vezes o espaço natural é visto pelo homem ocidental como o espaço que não foi tocado pelo homem, o que faz com que seja praticamente impossível a sua existência. Já na visão do homem oriental, qualquer amostra da natureza, como uma pedra ou pequenas plantas são consideradas lembranças do natural, e a sua presença em um ambiente o transforma em um ambiente natural.

Ainda segundo o pensamento do autor, outro ponto se relaciona com os espaços arquitetônicos não construídos a partir de duas vertentes, a artificial, que é exemplificada por praças como a de São Marcos, onde o solo é coberto por um piso e suas laterais são “fechadas” por uma catedral e pelo mar, e a natural, como o Hyde Park, um parque onde estão presente apenas pequenos caminhos feitos pela mão do homem (COELHO NETTO, 2002).

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A residência *Glass House*, conhecida como “Casa de Vidro”, em português, foi projetada pelo arquiteto Philip Johnson, e completada em 1949 em New Canaan – Connecticut, no topo da colina de uma propriedade de 47 hectares (FRIEDMAN, 2006).

A casa foi inspirada na *Farnsworth House* de Mies Van der Rohe, a *Glass House* tem a perfeita proporção e simplicidade e é considerada uma das primeiras e mais brilhantes obras da arquitetura moderna. A casa era a primeira das 14 obras que o arquiteto construiu naquela área nos próximos 50 anos (FRIEDMAN, 2006).

A obra que se inspirou também no Estilo Internacional da época e é considerada icônica pela inovação no uso de materiais e a integração criada entre a natureza e a obra. Composta por longos panos de vidro, completamente transparentes, entre pilares pretos de aço e perfis em formato de “H”, houve a criação de uma obra em sua pura simetria, marcando a característica pessoal de Johnson, uma casa calma e ordenada ao invés de suave e frágil (FRIEDMAN, 2006).

Existem vários elementos que contribuíram para a beleza da obra. Os limpos painéis de vidro criavam uma série de reflexões “vivas”, incluindo cenas do entorno com a vegetação e

as pessoas andando dentro e fora da casa, criando camadas de imagens, umas sobre as outras, formando cenas diferentes conforme iam caminhando pelo terreno (CAMBRIDGE 2000).

O interior da casa é completamente exposto ao exterior, exceto o cilindro de tijolos, que tem função estrutural e é onde se situa o banheiro e o do outro lado uma lareira. O revestimento do chão também foi feito com tijolos assentados num padrão em ziguezague, sendo elevados 25cm ao nível do solo. As únicas divisões da obra além do banheiro, são discretamente feitas por tapetes e estantes de livros, criando assim uma casa única e de planta livre. Isso proporciona ventilação nos quatro lados da obra, assim como iluminação natural em todos os ambientes (CAMBRIDGE 2000).

O terreno em que foi construída a “Glass House”, conta também com mais treze obras de autoria do arquiteto, entre elas destacam-se a “Guest House” (Casa de hóspedes) que foi concluída no mesmo ano que a Glass House, em 1949, uma Galeria de Arte (1965) e um Pavilhão de esculturas (1970) (PEREZ, 2010).

A *Guest House*, ao contrário da *Glass House*, era completamente fechada com estrutura em alvenaria e revestimento em tijolos, contrastando assim com a leveza e transparência da “Casa de Vidro” (FRIEDMAN, 2006).

Philip Johnson foi um dos maiores arquitetos do século XX. Philip era homossexual, porém isso era um fato conhecido apenas por algumas pessoas de seu ciclo de amizade, em seu campo de trabalho as pessoas desconheciam deste fato. A repressão devido a homossexualidade era uma maneira de preservar sua própria imagem, considerando que naquela época a América não apoiava as famílias “não tradicionais”. Dessa maneira, essa repressão se manifestou em sua arquitetura, como na “Glass House” (STERN, 2012).

Figura 01 - “Glass House” – vista da entrada principal da casa.



Fonte: Architect Magazine, 2015.

De acordo com alguns críticos, Philip Johnson foi considerado “vulgar e exibicionista” por ter projetado uma residência toda fechada em vidro e ser considerado um ambiente para entretenimento de seus amigos homossexuais. Visitantes e pessoas que não sabiam desse fato, não desconfiavam que aquele ambiente todo aberto, quando se fechavam as cortinas, se tornava o local de encontro do arquiteto e de seu parceiro.

A “Glass House” possui um trocadilho visual diante de sua “Guest House” – Casa de hóspedes. Ao contrário da casa principal que é totalmente transparente, a “Guest House”, que fica localizada apenas alguns metros de distância da outra, é completamente fechada, e representa um verdadeiro armário, a auto repressão, a claustrofobia a espaços fechados que os homossexuais são forçados a se submeter diante de toda a sociedade. Vendo como um todo, essa parte da obra serve como exemplo das atitudes e crenças que Johnson acreditava e passava na metade do século XX, o fato de ter que se esconder e omitir a verdade sobre sua opção sexual por medo das consequências que lhe acarretariam caso a sociedade da época soubesse (STERN, 2012).

Figura 02 - “Guest House” – Trocadilho visual a obra principal.



Fonte: Architect Magazine, 2015.

De acordo com Mark Stern, o fato de Johnson ser homossexual ficou desconhecido pelo público por muitos anos, e só foi “aceito” pela população quando Alice F. Friedman escreveu artigos sobre este fato fazendo comparações sobre a arquitetura de Philip Johnson com a arquitetura de Mies Van der Rohe.

A casa e outras obras do arquiteto foram inspiradas na arquitetura modernista de Mies Van der Rohe. Philip Johnson (1991) afirmou que “No caso da Glass House, o estilo apropriado é perfeitamente claro. Mies Van der Rohe e eu discutimos como podíamos construir uma casa toda de vidro e assim cada um de nós construiu uma. A casa de Mies, é claro, veio primeiro e a minha foi uma “adoção” da arquitetura do mestre, porém, cada uma com um tipo de arquitetura abordada”.

Figura 03 - “Farnsworth House” – Mies Van der Rohe – Casa que inspirou a construção da Glass House.



Fonte: Farnsworth House, 2014.

“O projeto da Glass House começou devido ao terreno. E todo o projeto foi guiado pelo terreno em que se inseria. Ao encontrar aquela pequena colina, eu estava no meio da mata, no meio do inverno e eu quase não a encontrei. Eu encontrei uma grande árvore de Carvalho e comecei a desenhar todo o complexo a partir dessa árvore e da colina, foi o espaço que me inspirou. Não esqueça, é mais que um parque, é a arquitetura inserida no meio. (...) Era apenas um terreno em que eu foquei na colina e na árvore. E foi a partir da visão da colina e da vista que havia atrás dela que eu resolvi todo o projeto” (JOHNSON,2016).

Figura 04 - Vista interior direção oeste, com a mobília da série Barcelona, de Mies Van der Rohe (1929).



Fonte: INEXRHIBIT, 2016.

Figura 05 - “Glass House”, vista leste.



Fonte: INEXRHIBIT, 2016.

Devido ao estilo da casa, uma série de espaços auxiliares se localizam na “Guest House” – incluindo banheiros, quartos para hóspedes e espaços técnicos.

Figura 06 - “Glass House” em azul e “Guest House” em amarelo – Implantação das casas no terreno – Desenho feito por Alessandro Bianchi e Giancarlo Camagni – Politecnico di Milano.



Fonte: INEXRHIBIT, 2016.

3. METODOLOGIA

A abordagem analítica a ser realizada será embasada no método utilizado pelo autor Simon Unwin. O mesmo introduz em seu método de análise a preocupação em compreender na arquitetura a fenomenologia por trás de seus aspectos, em busca da chamada “agenda intelectual do edifício”, ou seja, a experiência que, passada pelo arquiteto, é implícita à obra. Sobre isso, “a arquitetura, a seu ver precisa de interpretação, mas é como a poesia que por vezes permanece inefável”. Unwin suporta que a obra apresenta um valor simbólico passível de diversas interpretações, ainda que a sua concepção seja intencional. Assim sendo, “a contribuição de Unwin talvez repouse mais em sua decupagem fenomenológica/existencial dos elementos da arquitetura do que, propriamente, em suas interpretações” (EISENMAN, 2008, apud BERREDO; LASSANCE, 2011).

Utilizou-se a metodologia de pesquisa apresentada por Lakatos e Marconi (2001), onde foi realizada pesquisas bibliográficas em livros e revistas, artigos, dissertações e teses utilizando como apoio *websites* e periódicos online. Após o levantamento bibliográfico as acadêmicas realizaram uma análise buscando compreender a dualidade do 4º eixo organizador do espaço na *Glass House* de Philip Johnson.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O espaço em que a casa (figura 07) foi construída é resultado de uma interação entre espaço natural x artificial, pois é possível visualizar o espaço ali existente ocupado pelas árvores nativas ao fundo (que possivelmente não fora tocada pelo homem) e o espaço da implantação da casa, que apesar de tratar-se de um gramado verde de aspecto natural, claramente foi transformado através de um nivelamento, além da inserção de calçamento que leva até a residência. As pedras, que tratam de elemento natural, transforma-se em algo artificial ao serem reorganizadas criando uma divisão no terreno. O eixo se confunde na residência, uma vez que os materiais de fechamento (vidro) causam sensações óticas diversas: uma pessoa, ao passar por ela, pode ver o reflexo da paisagem, seu próprio reflexo, o interior da casa e a paisagem ao fundo, através do vidro. Essa “nudez” caracterizada intencionalmente pelo arquiteto cria uma integração e mescla os dois ambientes (construído e natural), na qual o aspecto artificial é evidenciado através da estrutura metálica da casa e de elementos como a parede do banheiro.

Figura 07 – *Glass House*



Fonte: *The Glass House*, 2016.

A inserção no ambiente junto às aberturas da residência garante a circulação de ar pelos ambientes, que são integrados e não evidenciam o uso de divisórias, exceto pelas paredes do banheiro. A iluminação, idem. Devido ao uso do vidro como parede, a iluminação atinge toda

a obra e se dela se apropria, propiciando todos os efeitos causados pela luz natural, desde o nascer do sol (figura 08) até o entardecer.

Figura 08 – Iluminação natural.



Fonte: *The Glass House*, 2016.

A *Glass House* se estabelece em tom de contraposição com outra residência que se encontra próxima: a *Guest House*. Ao passo em que a primeira, para uso do próprio arquiteto faz uma analogia a um mundo desnudo e aberto ao meio exterior, a segunda paradoxalmente exhibe fechamentos em tijolo maciço livre de aberturas excessivas; mas criando uma relação de semelhança com o caráter formal da primeira. A *Guest House* era destinada aos hóspedes.

As paredes da “Glass House” representam um paradoxo paródico a sua homossexualidade na metade do século XX, ou seja, qualquer um pode ver o espaço central, o interior, o que representava tantos séculos de como as chamadas famílias tradicionais viviam, porém, os acontecimentos de dentro da casa, quando se fechavam as cortinas, são uma inversão as normas criadas pela sociedade sobre a sexualidade. Muitos visitantes da casa eram homossexuais e somente esse público realmente entendia essa intenção que Philip teve ao projetar a casa, pois eles compreendiam como era se esconder e ter que se mostrar através de uma parede de vidro diante daquela sociedade. (MARK J. STERN, 2012)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a *Glass House* de Philip Johnson, nota-se claramente o contraste entre o ambiente construído, representado pela edificação, e o espaço natural, caracterizado pela vegetação presente desde antes da construção da residência no local. Muito além do que se vê, existem motivações pessoais para a idealização dos espaços dessa maneira, tal como o preconceito enfrentado pelo próprio Johnson devido a sua orientação sexual, em meio ao contexto de uma sociedade homofóbica e tradicionalista no século XX. Os sentimentos experimentados pelo arquiteto foram transpostos através da linguagem arquitetônica, através do paradoxo evidenciar x esconder, expresso pelos materiais vidro x tijolo, uma metáfora de sua persona.

REFERÊNCIAS

ARCHDAILY. **AD Classics: The Glass House / Philip Johnson**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/60259/ad-classics-the-glass-house-philip-johnson>>. Acesso em: 05 de set. 2016.

FRIEDMAN, A. T. **Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History**. Yale University Press, New Haven and London. 2006

BERREDO, H; LASSANCE, G. **Análise gráfica, uma questão de síntese: A hermenêutica no ateliê de projeto**. 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3921>> Acesso em 19 nov. 2016.

COELHO NETTO, J. TEIXEIRA. **A construção do Sentido na Arquitetura**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GREAT BUILDINGS. **Johnson House, “The Glass House”**. Disponível em: <http://www.greatbuildings.com/buildings/johnson_house.html>. Acesso em: 05 de set. 2016.

INEXHIBIT. **The Glass House**. Disponível em: <<https://www.inexhibit.com/mymuseum/the-glass-house-philip-johnson-new-canaan-connecticut/>> acesso em 31 out. 2016.

INQUIRIES JOURNAL. **The Glass House as a Gay Space: Exploring the intersection of Homosexuality and Architecture**. Disponível em: <<http://www.inquiriesjournal.com/articles/651/the-glass-house-as-gay-space-exploring-the-intersection-of-homosexuality-and-architecture>> acesso em 31 out. 2016
Jury Citation <<http://www.pritzkerprize.com/1979/jury>> Acesso em 08 ago. 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

CAMBRIDGE 2000. **New Canaan, Connecticut: Guest House, view from front**. Disponível em: <<http://www.cambridge2000.com/gallery/html/P72427152e.html>> Acesso em 9 Set. 2016.

Outdoors Triumphant at Philip Johnson's Glass House in New Canaan <<http://www.connecticutmag.com/Blog/Arts-Entertainment/July-2013/Outdoors-Triumphant-at-Philip-Johnsons-Glass-House-in-New-Canaan/>> Acesso em 08 ago. 2016.

Prêmio Pritzker <<http://www.anualdesign.com.br/blog/7220/premio-pritzker/>> Acesso em 08 ago. 2016.

THE GLASS HOUSE. **Glass House, 1949.** Disponível em: <
<http://theglasshouse.org/explore/the-glass-house/>>. Acesso em: 05 de set. 2016.